

Uma floresta de mais de 20 mil hectares

A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) mantém no Norte do Estado uma reserva florestal de quase 22 mil hectares, que corresponde a 25% da cobertura nativa atual do Espírito Santo. Um dos últimos remanescentes da Mata Atlântica brasileira, a CVRD desenvolve no local um trabalho de pesquisa com cerca de 120 projetos sobre a fauna e a flora, além de preservação do meio ambiente. A reserva da Vale e a de Sooretama, situada ao lado, correspondem a 50% da mata nativa do Espírito Santo.

O orçamento da reserva gira em torno de US\$ 600 mil. Desse total, 40% são gastos na vigilância contra a caça e o roubo da madeira e com medidas preventivas contra incêndios florestais. Dos 92 funcionários que a reserva possui, 50 cuidam da vigilância, já que as matas do Estado estão resumidas a 1,5% do total original. Há 20 anos, este percentual atinja 30%.

A reserva, localizada entre os municípios de Linhares e São Mateus, possui uma rede viária formada por 117 quilômetros de estradas e 125 quilômetros de aceiros com cercas. É dotada de laboratórios de sementes, de carboquímica florestal, insetário, herbário, xiloteca (coleção de madeiras), posto meteorológico, escritório de administração, criadouro de animais, pousada verde, casa de hóspedes, área de criação e pomar.

O programa de pesquisa realizado na reserva atua em duas linhas, visando ao conhecimento do ecossistema e a formação de um pacote tecnológico para as espécies florestais. Na parte do ecossistema, já foi confeccionado o mapa da vegetação e está sendo concluído o estudo fitossociológico das diferentes fisionomias mapeadas. Estatisticamente, toda a flora arbórea e arbustiva já está herbORIZADA. A reserva, aliás, é o único herbário do Espírito Santo registrado internacionalmente.

Estão sendo efetuados estudos fenológicos de 42 espécies, iniciados há cinco anos. Também estão sendo elaboradas pesquisas sobre diversos sistemas e reprodução das espécies ameaçadas de extinção. A pesquisa para formar um pacote tecnológico para as espécies ocorrentes compõem-se de técnicas de colheitas e beneficiamento de sementes; ar-

mazenamento, maturação, dormência e re-gras para análise de sementes, além de produção e formação de mudas, silvicultura de plantio e sistemas agroflorestais.

O considerável número de projetos de pesquisas exigiu uma unidade específica de computação. Sua função é processar as avaliações dendrométricas e realizar análises estatísticas. A reserva também possui um posto meteorológico que fornece as informações necessárias às correlações bioclimáticas com os ensaios implantados. Classificado como classe A, segue as normas estabelecidas pelo Instituto Agrônomo de Campinas.

A reserva também possui uma unidade de apicultura com o objetivo de estabelecer as condições ideais ao desenvolvimento da apicultura na região. Atualmente, existem 50 colméias, atingindo uma produtividade média de 12 quilos de mel/colméia por ano.

A CVRD mantém em sua reserva um laboratório de carboquímica florestal, que faz análise química e física da madeira, além da análise físico-química do carvão. É neste local que são determinadas as características industriais de toda a população clonal (de eucalipto) selecionada. O laboratório também atua na determinação das características tecnológicas das espécies florestais nativas.

Outra unidade importante da reserva é o herbário e registros fenológicos, setor que fornece a base para diversos estudos desenvolvidos principalmente em relação ao ecossistema. Em 1977, eram conhecidas 172 espécies florestais e hoje, 478.

Quanto à fauna, sobrevivem várias espécies na reserva. Entre os mamíferos, estão a anta, o porco-do-mato, a onça pintada, a jaguatirica, a suçuarana e o gato-do-mato. Os primatas observados são o macaco-prego, sagui-da-mata e o sagui-da-cara-branca. Os roedores mais comuns são a cutia, a paca e a capivara. Aproximadamente 20 espécies de morcegos já foram identificadas, e segundo alguns estudos, parece haver predominância das carpófagas (alimentam-se de frutos) e insetívoras. Nos trabalhos de levantamento feitos com peixes e anfíbios, constatou-se grande diversidade, incluindo descrições de espécies novas.

Na década de 50, a CVRD começou a comprar terras para a formação da reserva



florestal. Supõe-se que o objetivo principal seria fazer uma reserva de madeiras para a produção de dormentes que seriam utilizados na Estrada de Ferro Vitória-Minas. Como nenhum programa para utilização madeireira foi adotado pela empresa, a cobertura florestal da reserva permaneceu intacta.

Até 1967, a administração da reserva era de responsabilidade do então Departamento Florestal da Vale. A partir daquele ano até 1974, foi administrada pela Rio Doce Madeiras S.A., antiga subsidiária da CVRD. Depois passou a cargo das Florestais Rio Doce S.A.

Reserva da CVRD: 12 anos de intensas pesquisas

A existência da Reserva Florestal da Vale do Rio Doce no município de Linhares foi de fundamental importância para se chegar, depois de cerca de 12 anos de pesquisa, a um pacote tecnológico, envolvendo desde a coleta da semente, produção e plantio de mudas, para a recuperação da Floresta Atlântica "perburbada", também denominada de capoeira. As informações colhidas neste estudo estão passando por um tratamento mais adequado no seu linguajar para figurar num cartilha que será distribuída brevemente entre os produtores rurais capixabas, orientando-os como fazer o reflorestamento com nativas.

Embora essa mesma pesquisa não tenha ainda revelado a tecnologia de manejo da floresta nativa, o coordenador da reserva da Vale, Renato Moraes de Jesus, adiantou que os estudos, pelo menos, indicaram como isso não deve ser feito. Ressaltando que essa tecnologia não servirá para o Estado, que não tem mais mata nativa para absorvê-la, ele acrescentou que as informações obtidas já permitem interferir e não "mais precisamos ficar assistindo, parcimoniosamente, por exemplo, à destruição da floresta amazônica".

Renato Moraes lembrou que não só o domínio da tecnologia é suficiente para reverter o quadro de degradação ambiental do Espírito Santo. Para ele é importante também que se faça o trabalho de extensão florestal, ressaltando que o "gargalo" reside na transferência dos conhecimentos levantados. Defendeu o engajamento da Emater e ITCF nesse processo fazendo a seguinte observação: "Acho que o produtor quer plantar, mas falta alguém para levar as informações a ele".

Além da cartilha que vem sendo preparada, uma outra frente está sendo ativada, visando a transferir os conhecimentos de como reflorestar a floresta "perturbada". É a instalação de hortos municipais, que vão receber as sementes para a produção das mudas, além de desempenhar o papel de formação de uma consciência ecológica.

Renato Moraes classificou a conceituação das espécies em nativas exóticas como "Xenofobia botânica", lembrando que a planta não tem geografia política e sim adaptação ecológica. Para ele, o que se tem que questionar é o sistema de plantio de monocultura,

afirmando que o "eucalipto é uma espécie sensacional, mas sou contra a sua monocultura".

Disse também que o reflorestar é uma questão de "dignidade, pois acabaram com tudo", acrescentando que para "andar mil léguas é necessário o primeiro passo". Assim, prosseguiu, para reverter a atual situação é preciso plantar a primeira muda. O Espírito Santo tem cerca de 80 mil produtores rurais e se cada um reflorestasse meio hectare, que não é nada, em um ano se teria 40 mil hectares. O fator econômico, ainda conforme Renato Moraes, não é argumento para não reflorestar, mostrando que um hectare com jequitibá, com 25 anos de idade, produz cerca de 300 m³ de madeira, o que dá um faturamento de aproximadamente US\$ 65 mil. "É uma senhora aposentadoria", sintetizou.

Com base na pesquisa feita na Reserva de Linhares, a Vale já plantou perto de 4,2 milhões de mudas de mais de 300 espécies na área interna de Tubarão, em Vitória. Mais 2 milhões de mudas serão plantadas no local. Também as margens do leito da ferrovia Vitória-Minas começam a ser reflorestadas, com a montagem de dois pólos em Governador Valadares e Nova Era, Minas Gerais. Com base em estudos feitos na Reserva já se chegou a um pasto apícola, flores durante todo o ano, para a região Norte do Estado.

Outro resultado importante obtido nestes 12 anos de pesquisas na reserva foi a descoberta de 52 espécies e três gêneros novos de árvores, além de aves. Está para sair mais seis novas espécies de árvores, Renato Moraes lembrou que isso é apenas pequena amostra de um universo de conhecimentos que se perdeu com a derrubada da Mata Atlântica. Diante do quadro de degradação que chegamos, ponderou, a existência desta reserva é o banco genético que temos para tentar voltar atrás.

Por último, ele se mostrou decepcionado pelo pouco uso que os órgãos e a comunidade capixaba fazem da Reserva. Lembrando que a Companhia Vale do Rio Doce apenas é responsável pela sua administração. É claro, explicou, que ela deve ser utilizada racionalmente, visando o aprendizado, o conhecimento, e não é ir lá fazer turismo, passeio.